

REFLEXÕES ACERCA DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA ORAL: O ENSINO NA COLÔNIA MACIEL (PELOTAS-RS) NOS ANOS DE 1928 A 1951

RENATA BRIÃO DE CASTRO¹; PATRÍCIA WEIDUSCHADT².

Este ensaio traz uma reflexão acerca de um dos aspectos teóricos metodológicos discutidos e utilizados durante as pesquisas para a dissertação bem como no seu desenvolvimento posteriormente. A pesquisa está sendo desenvolvida, em nível de mestrado³, no campo da História da Educação.

O trabalho versa sobre uma escola no interior da cidade de Pelotas (RS) construída no ano de 1928, numa comunidade de imigrantes italianos, a saber, na Colônia Maciel no 8º distrito de Pelotas. O estudo aborda a Educação na zona rural desse município, especificamente na localidade denominada de Colônia Maciel por meio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Garibaldi e da atuação de José Rodeghiero, primeiro professor desta instituição, permanecendo na escola durante 22 anos consecutivos. No que tange ao período de tempo a pesquisa está delimitada no interstício entre 1928 e 1951 por ser o período de criação da escola e dos anos em que o professor exerceu suas atividades docentes.

Conforme informações disponíveis na própria escola, a mesma foi designada de acordo com Decreto de Criação n.º 1739 de 17/08/1928 e Portaria de Autorização e Funcionamento n.º 004525 de 07/05/1975.

A Escola Garibaldi, como é conhecida, foi construída em 1928 e no ano seguinte começaram as aulas, durante os primeiros anos da escola, mais precisamente durante 22 anos

¹ Graduada em Museologia / UFPel. Mestranda em Educação – Programa de Pós Graduação em Educação, linha de pesquisa Filosofia e História da Educação, Universidade Federal de Pelotas.

² Professora efetiva da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação, linha de pesquisa Filosofia e História da Educação, Universidade Federal de Pelotas.- Doutora em Educação.

³ Programa de Pós Graduação em Educação; Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação, Universidade Federal de Pelotas.

consecutivos a escola teve como professor o senhor José Rodeghiero. Esse professor atuou nessa escola até o ano de 1951, e até a data de 1945, ou seja, durante 16 anos, foi o único professor atuando na escola.

Desta forma, levando em consideração a influência desse professor no contexto da Escola Garibaldi e num sentido mais amplo na Colônia Maciel, uma das metodologias da pesquisa ao analisar essa escola, e de forma geral o ensino nesta localidade, se detém sobre o campo da memória por meio da história oral. Desta forma serão realizadas entrevistas com ex alunos desse professor e com pessoas da comunidade que sejam representativas para o contexto da pesquisa. Objetiva-se também realizar entrevistas com familiares do professor, professores da Escola Garibaldi, os quais foram alunos e hoje são professores da escola e a grande maioria por ser também moradores do entorno possuem uma memória acerca de referido professor.

Além dessas entrevistas que serão coletadas pela própria pesquisadora, serão analisadas outras gravações que estão sob a guarda do Museu Etnográfico da Colônia Maciel⁴, e foram coletadas no contexto de criação do referido museu. Essas entrevistas discorrem sobre variados assuntos relativo à Colônia Maciel.

Esse o foco deste artigo, o qual trará algumas considerações sobre memória, história oral e as formas de rememoração.

A pesquisa se debruçará nas discussões sobre memória por meio da metodologia da história oral e algumas considerações sobre a forma de rememoração e evocação dessas memórias. Ao entrevistar e ouvir depoimentos estamos trabalhando com memórias dos entrevistados e para tanto é indispensável realizar algumas teorizações nesse sentido, sempre levando em consideração que o ato de lembrar está associado também ao ato de esquecer. Candau pondera nesse contexto quando escreve que “inimigo da memória, o esquecimento, ‘segredo inquietante da lembrança, por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças” (CANDAU, 2011, p. 127).

⁴ O Museu Etnográfico da Colônia Maciel situa-se na Colônia Maciel e está instalado no antigo prédio da Escola Garibaldi (o que foi construído em 1928).

Sendo assim, essas são algumas das considerações a serem percorridas neste trabalho, trazendo uma revisão sobre o campo da memória e da história oral.

Um pouco do contexto de pesquisa

A Colônia Maciel, região onde está inserida a Escola Garibaldi, foi criada no ano de 1885 pelo Governo Imperial, muitos imigrantes de origem italiana foram chegando e se instalando nesse local que conforme Peixoto foi o local na região sul do Rio Grande do Sul que mais recebeu imigrantes italianos (PEIXOTO, 2003).

Anjos ao escrever sobre o tema ressalta que um dos motivos que contribuiu para a criação de colônias no município de Pelotas foi impulsionado por leis que anunciavam *a posteriori* uma extinção do trabalho escravo no município (ANJOS, 2006). E foi nesse contexto de diversificar as atividades econômicas, que até então estavam focadas na produção do charque, que foram sendo criadas colônias de imigrantes na zona rural de Pelotas (ANJOS, 2006). E é nessa conjuntura que se cria a Colônia Maciel.

No que tange a Educação nesse momento, a primeira escola criada na Colônia Maciel é datada de 1910 e pertencia ao governo estadual, entretanto devido à baixa assiduidade acabou fechando, esta teve como professor o senhor José Fontoura Grilo⁵.

No ano de 1915⁶ foi criada outra escola, sendo esta particular, onde o governo pagava parte do salário dos professores e a comunidade (pais dos alunos) se responsabilizava pelo restante. Assumiu a regência dessa escola Natal Rodeghiero (filho de José Rodeghiero), no entanto devido a desentendimentos com a comunidade foi direcionado para outra escola e seu pai – José Rodeghiero – foi designado professor provisoriamente (GEHRKE, 2013).

Aqui é possível perceber que o senhor José Rodeghiero antes de iniciar suas atividades como professor na Escola Garibaldi lecionou em outra escola. Sobre essas duas escolas não há mais informações a respeito, – até o estágio em que se encontra a pesquisa - entretanto o que se pode depreender até o momento é que a criação da Escola Garibaldi foi um marco no que

⁵ Dados obtidos através do manuscrito escrito por José Rodeghiero, o referido manuscrito se encontra disponível no acervo do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e no arquivo da Escola Garibaldi.

⁶ Sobre essas duas escolas não há muitas informações a respeito.

diz respeito à educação na região denominada de Colônia Maciel, uma vez que antes de seu decreto de criação no ano de 1928 as escolas que haviam sido criadas acabaram fechando por algum motivo, uma delas por falta de frequência⁷.

A construção do primeiro prédio da escola Garibaldi de acordo com Gehrke foi iniciada no ano de 1928, através do decreto de criação nº1739 deste ano, passando assim a existir a escola oficialmente (GEHRKE, 2013). Antes do início da construção dessa escola, houve outras escolas (as citadas acima) na colônia Maciel, porém de efêmera duração, até mesmo por serem escolas comunitárias e os pais dos alunos terem que pagar parte do salário do (s) professor(es).

A conclusão das obras se dá no ano de 1929, nesse mesmo ano José Rodeghiero assume a função de professor na escola, atividade que exerce até o ano de 1951 quando é realocado para outra escola. Do ano de 1929 até 1945 o senhor José Rodeghiero foi o único professor atuando na escola. A partir de 1945 é que começam atuar outros professores na escola Garibaldi. A partir dessa data José Rodeghiero até então único professor a lecionar na escola, passa a se autodenominar diretor da mesma. (GERHKE, 2013)

De acordo com Gehrke nas escolas particulares quem assumia a função de professor era um indivíduo da própria região com um grau de instrução maior, algo bastante comum nesse período (GERHKE, 2013). Ao citar alguns exemplos desses professores é lembrado o nome de José Rodeghiero, podendo assim concluir que ele fazia parte da comunidade da Colônia Maciel e passou a lecionar na escola.

Nesse ponto é relevante trazer as reflexões de Dominique Julia sobre cultura escolar, de acordo com o autor:

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001: 10).

⁷ Dados retirados do manuscrito escrito pelo professor. O mesmo se encontra no acervo sob guarda do Museu Etnográfico da Colônia Maciel e na própria escola.

Durante o período em que José Rodeghiero esteve na escola, ou seja, de 1929 a 1951 este produziu um documento – manuscrito – sobre a história dessa instituição. Nesse documento o professor escreve sobre o histórico da instituição, a partir de sua visão, e através dessa fonte de pesquisa é possível analisar um pouco da rotina escolar e pensar na questão das práticas tais como descritas por Julia.

A escola que o professor José Rodeghiero atuou como professor durante 22 anos consecutivos, que coincidem com os 22 primeiros anos de funcionamento da própria escola foi importante no que se refere a uma continuidade do ensino, nessa localidade, visto que antes disso as escolas que surgiram acabaram fechando. O espaço territorial da escola recebeu imigrantes italianos desde 1883 e começou-se assim a formar o que seria a Colônia Maciel, os colonos foram se instalando e era necessário que uma série de serviços fosse implantada, entre eles àqueles ligados ao ensino e a educação.

Ter uma escola no interior nesse período se configura *a priori* como uma instituição de considerada relevância, levando em conta a questão imigratória que deu origem a Colônia Maciel e também a distância entre a colônia e a cidade de Pelotas.

A Escola de Ensino Fundamental Garibaldi como já mencionado anteriormente foi construída em 1928 com essa denominação e com esse enquadramento na esfera municipal, antes disso houve algumas tentativas de se ter uma escola na localidade da Colônia Maciel, porém de efêmera duração. Com a construção da Escola Garibaldi é que o ensino institucionalizado nessa região, colonizada desde 1885 por imigrantes italianos, vai começar a se estruturar.

Corroborando com Gehrke (2013) quando este escreve que a história da Escola Garibaldi se mescla em certo sentido com a trajetória de José Rodeghiero, pode-se dizer que o contrário também é válido, ou seja, a história do professor converge com a história da instituição, pois este esteve presente na escola por 22 anos consecutivos, sendo durante algum tempo o único professor que a escola possuía, além de ter sido o primeiro professor da escola.

Rezende escreve nesse sentido, conforme o autor “Pessoas e lugares são entrelaçados, pois o espaço, como lugar de coisa (ou das coisas), torna-se um sistema coletivo de imagens onde cada lugar possui uma história a ser contada” (REZENDE 2010: 102).

Nesse sentido, é plausível de refletir sobre a importância da atuação desse profissional na instituição, uma vez que o tempo de permanência deste indivíduo na referida escola é bastante longo e o quanto se mescla nesse período estudado (1928-1951) a figura do professor com a instituição escolar.

Nesse sentido Magalhães:

[...] a instituição educativa apresenta uma cultura pedagógica que compreende um ideário e práticas de diversa natureza, dados os fins, os actores, os conteúdos, inserida num contexto histórico e desenvolvendo uma relação educacional adequada aos públicos, aos fins, aos condicionalismos e às circunstâncias. A instituição educativa constrói um projecto pedagógico, indo ao encontro de um determinado público, constituindo-se, deste modo, a relação e a razão fundamentais para a manutenção e desenvolvimento de seu projecto educativo – um processo que envolve dimensões humanas, culturais e profissionais de diversas naturezas: dimensões pedagógicas, sociológicas, administrativas, relações de poder e de comunicação, relações de transmissão e apropriação do saber (MAGALHÃES, 1999: 68-69).

Sobre memória e história oral

Esse artigo é centrado na questão teórica metodológica, trazendo uma reflexão sobre a história e consequentemente sobre a categoria da memória. Como já mencionado anteriormente, pretende-se realizar entrevistas com pessoas que foram alunos do professor José Rodeghiero, familiares deles e membros da comunidade na qual a escola está inserida. Nesse momento é válido ressaltar que a escola possui uma forte ligação com a comunidade escolar e também com a comunidade religiosa católica, a fins de exemplificar essa relação é interessante o fato de que o prédio da escola (que é municipal) está situado em terreno da própria Paróquia da comunidade.

Voltando a história oral, Consoante Cruikshank história oral é uma expressão que se refere a um método de pesquisa, “no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular” (CRUIKSHANK, 2002: 151).

A história oral durante algum tempo foi considerada uma fonte de menor importância em relação aos documentos escritos, com o passar do tempo é que foi ganhando espaço e importância no meio acadêmico.

Conforme Thomson no final dos anos 70 os historiadores se tornavam menos defensivos em relação à história oral e declarava que essa poderia ser mais uma fonte e não um problema (THOMSON, 2002).

Nessa mesma linha de raciocínio:

A história tradicional, por sua vez, ao ter considerado como válidos somente documentos escritos, a eles creditando o mérito da neutralidade e da objetividade, apontou para a desqualificação de outras fontes, tais como a arquitetura ou os depoimentos orais, por exemplo, as quais a nova história cultural adota com ênfase e competência (FISCHER; WEIDUSCHADT, 2009: 68).

Ao se pensar e planejar a realização de entrevistas é necessário refletir sobre os procedimentos que norteiam sua utilização, como por exemplo, a rememoração de memórias e a maneira como os sujeitos entrevistados “lembram” de suas histórias.

Nesse momento cabe citar Portelli quando este diz que

[...] quando falamos em memória, não falamos de um espelho do passado, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado (PORTELLI, 2010: 11).

Ao lidarmos com as fontes é sempre importante ter em mente que não se busca uma reconstrução do passado tal qual ele existiu, pois o vivido e o (re)lembrado possuem dimensões diversas.

Janaína Amado também escreve corroborando nesse sentido:

[...] vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especialidade. O vivido remete a ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência (AMADO, 1995: 131).

Além disso, a maneira como cada um dos sujeitos entrevistados irá (re)lembrar de suas vivências, será diversa uma da outra, uma vez que cada indivíduo tem as suas percepções

acerca de determinado assunto, vivências e trajetórias de vida. O que fará com que cada pessoa evoque suas memórias e experiências de maneira também diversificada.

Consoante Merlo “O que move uma pessoa recordar determinados fatos do passado são as preocupações com o presente: ausência ou presença de algo ou alguém; sentimentos submersos que podem vir à tona no ato de lembrar ou provocar o esquecimento” (MERLO, 1997: 112).

Candau também converge nessa direção quando escreve que “o ato de memória que se dá a ver nas narrativas de vida ou nas autobiografias coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido, mas o que fica do vivido” (CANDAU, 2012: 71).

Dessa forma, e a partir das teorizações acima é preciso mensurar sobre essas questões referentes à maneira como as pessoas lembram e rememoram suas experiências e histórias de vida, é necessário ponderar acerca das reflexões sobre memória. Ao pensarmos em história oral concomitantemente é relevante abordar o campo da memória, uma vez que as entrevistas abrangem uma dimensão de rememoração, ou seja, a partir delas o entrevistado irá rememorar sobre aspectos de seu passado e nesse contexto é que se faz necessário refletir sobre a memória, a qual, como já aludido anteriormente, é sempre seletiva. Weiduschadt e Fischer convergem nessa direção:

[...] Ao tentar se reconstituir o passado, omitindo partes, ou extrapolando fatos, ou mesmo contando fragmentos de um todo maior, o pesquisador tenta reconstruir o passado, tenta escrever uma história. Ou seja, não está necessariamente a reproduzir acontecimentos com fidedignidade absoluta (FISCHER; WEIDUSCHADT, 2009: 67).

De acordo com Bosi há uma relação entre a memória dos indivíduos e a memória do coletivo, conforme a autora “[...] a memória individual depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência a este indivíduo” (BOSI, 1987: 17).

Trazendo a escrita de Bosi para o contexto da pesquisa é interessante pensar sobre essa relação entre a escola e a comunidade e a forma como as pessoas entrevistadas irão

rememorar suas lembranças, tendo em mente que a memória é construída dentro de determinado de determinado grupo, comunidade ou contexto social.

Conforme as autoras “[...] encara-se a memória como uma construção social, necessitando de grupos e comunidades para se constituir” ou ainda “ela não é pessoal, de uma única voz, ela sempre está inserida num contexto social” (FISCHER; WEIDUSCHADT, 2009: 68-78).

Halbwachs é um dos autores que enfatiza essas questões referentes à memória individual e coletiva, para o autor a rememoração individual se assenta na memória coletiva, conforme o autor

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que considerávamos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo [...] (HALBWACHS, 1990: 36).

Aqui é válido ponderar no que diz respeito ao pertencimento dos sujeitos entrevistados a determinado contexto ou grupo social, o que irá também influenciar no momento da rememoração e evocação de suas memórias.

A outra forma em que será utilizada a história oral na pesquisa diz respeito as entrevistas que são acervo museológico e foram realizados em outro contexto - da criação do Museu Etnográfico da Colônia Maciel - e serão analisadas pela pesquisa.

Para elucidar essas questões basear-se-á em Grazziotin e Almeida, a fim de melhor compreender a maneira de utilização dessas gravações que foram realizadas por outros pesquisadores em outros contextos, uma vez que se difere um pouco das entrevistas que coletadas no contexto específico da pesquisa pela própria pesquisadora.

De acordo com as autoras:

A utilização de acervos de memória oral é outro modo de pesquisa que entende a memória como documento e História Oral como metodologia. A legitimidade na utilização de arquivos orais ocorre muito pela riqueza de informações que alargam a vida dos sujeitos que nesses espaços que “guardam” suas memórias. Trabalhar com memórias de acervos constitui um desafio, é a possibilidade concretizada de

dar outra perspectiva a documentos construídos, por vezes, durante anos, atribuindo, assim, movimento a algo que está em inércia (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012: 41).

Dessa forma é importante ressaltar que essas entrevistas nos trazem a potencialidade de uma dimensão do universo (contextualização) da pesquisa, e embora não se remetam especificamente a educação na colônia e a escola pesquisada abordam assuntos relevantes para entender a formação do espaço, a comunidade, a imigração nesse local e também a importância dada ao ensino nessa localidade.

Esse acervo oral também possibilitará o mapeamento dos sujeitos que serão entrevistados pela pesquisa e talvez se encontrem fontes documentais guardadas e preservadas por esses depoentes.

Aspectos conclusivos

O trabalho ao abordar questões referentes à história oral como um instrumento de memória traz algumas considerações teóricas sobre estas, refletindo sobre o processo de rememoração e evocação de memórias.

A pesquisa por estar em fase incipiente, ou seja, é um trabalho ainda a ser desenvolvido e por isso os dados empíricos são reflexões iniciais e a revisão teórica foi à abordagem objetivada neste artigo.

Nesse sentido, entre as metodologias a serem utilizadas no trabalho, optou-se por trabalhar com a categoria da história oral e da memória, buscando fazer uma revisão teórica sobre os temas, tendo como pano de fundo as pesquisas e discussões que estão sendo feitas até o momento em que se encontra a pesquisa.

Buscou-se pensar em relação à maneira que os indivíduos entrevistados relembram e evocam suas memórias, tendo sempre em mente que lembrar está indissoluvelmente associado a esquecer, lembrança e esquecimento andam juntos quando se fala sobre memória.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração quando se trata de memória diz respeito à coletividade, ou seja, os indivíduos rememoram suas lembranças também de acordo com sua inserção em determinado grupo social.

Essas são algumas questões que devem ser atentadas quando na realização de entrevistas, pensar sobre esses aspectos que norteiam os procedimentos de história oral e, por conseguinte de memória, torna-se preciso uma vez que são reflexões importantes a se fazer no momento da interpretação dos dados levantados durante a pesquisa.

Dessa maneira e tendo em mente as reflexões acima, é plausível ponderar sobre a metodologia da história oral e sobre a memória, uma vez que se pode pensar na história como um dispositivo/instrumento de memória.

Nesse trabalho considereirei que será utilizada a metodologia da história oral de duas maneiras: as entrevistas coletadas no contexto da dissertação e pela própria pesquisadora e as entrevistas que são acervos de instituição museológica e foram realizadas em outro contexto externo à pesquisa. De todo modo, dessas duas formas de utilização de entrevistas é necessário refletir e levar em consideração a questão da rememoração e evocação da memória a fim de uma melhor análise dos dados e sua utilização na pesquisa.

Por fim, vale ressaltar a relevância da história oral nas pesquisas e especificamente na pesquisa aqui explicitada. Essa metodologia se configura como um importante instrumento para se conhecer histórias de vida e/ou instituições e coletar novos dados para a pesquisa que poderiam não estar contemplados em fontes documentais escritas, fazer o cruzamento de fontes é algo bastante importante no processo de pesquisa científica.

Referências

- AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**. São Paulo, 14:125-136, 1995
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. TA, 1979.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2014
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: **Usos e Abusos da História Oral**, 2002, p. 149-164.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt e WEIDUSCHADT, Patrícia. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D; PERES, L.M.V. (orgs). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009.
- GEHRKE Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS**: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Instituto de Ciências Humanas, Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- HALBWACHS Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice Editora, 1990, p. 25-52.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2012.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, SP: Autores Associados, Histedbr, p. 67-72, 1999.
- MERLO, Márcia. As vozes do Bonete, uma face de Ilhabela. In: DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org). **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997.

PEIXOTO, Luciana. **Memória da imigração italiana em Pelotas / RS - Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História– UFPEL. Pelotas, 2003.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, 2010.

REZENDE, Maiquel G. **Silêncio e esquecimento: Henrique Carlos de Moraes e a construção de um agente de preservação do patrimônio em Pelotas (1993 – 1986)**. Instituto de Ciências Humanas, Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2002, vol.22, no.44 [cited 04 April 2006], p.341-364. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-0188> acesso em: 02 de dezembro de 2014.